

A Teoria da Razão Comunicativa para a compreensão dos conflitos geopolíticos

Richerlida Silva¹

Resumo: A “Teoria da razão comunicativa” é produto da reflexão de Jürgen Habermas, filósofo alemão participante das discussões desenvolvidas na Escola de Frankfurt. O objetivo deste artigo é discutir as principais contribuições desta teoria e do pensamento de Habermas para a compreensão dos conflitos Geopolíticos. Desta forma, a citada teoria habermasiana será contextualizada política e ideologicamente no período ataques contra os Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. As revisões bibliográficas serão as ferramentas utilizadas para o alcance dos resultados pretendidos.

Palavras-chave: Teoria da razão comunicativa; Geopolítica; Conflitos geopolíticos.

The Theory of Communicative Reason for understanding geopolitical conflicts

Abstract: The “Theory of Communicative Reason” is the product of the reflection of Jürgen Habermas, German philosopher who participated in the discussions developed at the Frankfurt School. The purpose of this article is to discuss the main contributions of this theory and Habermas' thought to the understanding of Geopolitical conflicts. In this way, the aforementioned Habermasian theory will be contextualized politically and ideologically in the period of attacks against the United States on September 11, 2001

. Bibliographical reviews will be the tools used to reach the intended results.

Keywords: Theory of Communicative Reason; Geopolitics; Geopolitical Conflicts.

La Teoría de la Razón Comunicativa para entender los conflictos geopolíticos

Resumen: La “Teoría de la Razón Comunicativa” es producto de la reflexión de Jürgen Habermas, filósofo alemán que participó de las discusiones desarrolladas en la Escuela de Frankfurt. El propósito de este artículo es discutir las principales contribuciones de esta teoría y del pensamiento de Habermas a la comprensión de los conflictos geopolíticos. De esta forma, la mencionada teoría habermasiana será contextualizada política e ideológicamente en el período de los ataques contra Estados Unidos en el 11 de septiembre de 2001. Las revisiones bibliográficas serán las herramientas utilizadas para llegar a los resultados pretendidos.

Palabras-clave: Teoría de la Razón Comunicativa; Geopolítica; Conflictos geopolíticos.

Introdução

A temática da geopolítica no escopo da ciência geográfica é um campo de interdisciplinaridade. Afinal, esta é também entrelaçada por aspectos da economia, da cultura, da antropologia e da sociologia, e apoiada sobre bases filosóficas. O recorte territorial da projeção geopolítica opera ainda como ferramenta teórica e metodológica para o reconhecimento e a interpretação dos fenômenos físicos e sociais. Os conflitos políticos quando assumem a forma de disputas territoriais podem ser não apenas conquistas de áreas para fins econômicos, mas também disputas culturais e ideológicas.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



A obra do filósofo alemão Jürgen Habermas nos permite refletir acerca dos conflitos geopolíticos no âmbito da modernidade, elencando conceitos que ajudam a identificar as tensões sociais e as suas causas, propondo soluções teóricas e práticas. Frente a uma Teoria Crítica, oriunda da Escola de Frankfurt, o autor apresenta uma outra proposta: a Teoria da Razão Comunicativa, que provém de sua observação sobre a modernidade.

Os pensadores frankfurtianos, do qual Habermas faz parte, mantiveram-se sempre em diálogo com as bases da leitura social marxista. A crítica dos frankfurtianos ao marxismo ortodoxo - e suas leituras essencialmente economicistas - nunca foi uma crítica no sentido do abandono das premissas críticas marxistas. Conforme argumentação do próprio Habermas, o marxismo perdeu parte da relevância no mundo de hoje, justamente, ao não acompanhar as transformações do capital.

Este texto é uma revisão bibliográfica acerca da produção intelectual habermasiana, objetivando desvelar a sua utilidade para a compreensão dos conflitos geopolíticos modernos. Neste caso, o fatídico atentado perpetrado em solo estadunidense no 11 de setembro de 2001 é utilizado como estudo caso a ser aplicado e refletido à luz da Teoria da Razão Comunicativa. A estrutura textual inicia com a apresentação do ponto de partida de Habermas: a renomada Escola de Frankfurt e seu projeto intelectual principal, a Teoria Crítica. É na leitura de autores importantes basilares da Teoria Crítica que Habermas desenvolve a sua proposta de maneira a buscar resolver as lacunas presentes no marxismo. Num segundo momento, o texto revisa a Teoria da Razão e Ação Comunicativa, para então adentrar às elucidações sobre o atentado do 11 de Setembro e seus desdobramentos no campo da (geo)política estadunidense e mundial. Ao fim, serão retomados os apontamentos de Habermas sobre a questão da religião, da racionalidade e das guerras.

A Teoria Crítica da Escola de Frankfurt

O anseio pelo conhecimento - a busca pela verdade e de sentido à existência - não apenas acerca do homem, mas dos objetos e processos, incentivaram os labores científicos ao longo da história e foram moldados às principais vozes de cada época. A ciência, então, obteve as marcas da modernidade que dão privilégios e preferências a métodos que exaltam a racionalidade do homem, supostamente



iluminada e liberta, em detrimento dos mitos, da imaginação (ANTUNES, 2009). A razão passou a ser dividida entre objetiva e subjetiva, e os conhecimentos científicos se romperam de forma muitas vezes incomunicáveis.

A ideologia não é uma característica exclusiva da metafísica, mas é também da ciência que busca criticá-la (...). Embora todos os passos da ciência moderna sejam baseados no conhecimento que ela glorifica, seu passo mais importante que é a definição de sua tarefa carece de fundamentação teórica, além disso, embora ela se apresente como interessada no conhecimento de relações abrangentes, não se mostra capaz de compreender a relação abrangente de que depende sua própria existência: a sociedade. (ANTUNES, 2009, p 13).

Há uma “razão instrumental” própria da modernidade, que é objetivante e manipuladora (FILHO, 2017). É neste contexto de problematizações na relação entre filosofia e ciência que a Teoria Crítica emerge. Esta é um dos principais identificadores dos pensadores da renomada Escola de Frankfurt, um grupo de filósofos e cientistas sociais originado na Universidade de Frankfurt, na Alemanha. Falamos em ‘identificadores’ pois, conforme aponta Soares (2011), delinear uma identidade é um objetivo delicado, pois esta não se comporta como um movimento, nem como um discurso. Max Horkheimer é um desses intelectuais que se propõe a fornecer os princípios norteadores para o projeto de Frankfurt: “os problemas filosóficos são inseridos dialeticamente no processo empírico científico, ou seja, a resposta passa a estar ligada ao progresso do conhecimento objetivo que, assim, não deixa de inferir sobre sua própria forma.” (HORKEIMER, 1999, p. 128-129 apud SOARES, 2011, p. 10).

Em linhas gerais, os frankfurtianos caracterizam-se pela criticidade em suas reflexões acerca do mundo e dos fenômenos sociais, partindo da ideia da contradição nos comportamentos humanos e na sociedade (entendida como caótica), e sempre atentos à conjuntura histórica e cultural. “Contudo, o maior desafio da Teoria Crítica é renovar seus diagnósticos de época” (MELO, 2017, p. 249), bem como as propostas de solução que comumente resultam em propostas práticas. Há a intenção de revisar e readequar para otimizar o que os teóricos frankfurtianos entendem que são potencialidades do escopo de Marx. Assim, o modelo marxista continua como a base do pensamento, e também por isso os



frankfurtianos recaem em questões que revelam as tensões e engessamentos da modernidade que se refletem na teoria e na prática social. Assim,

A fundação da teoria crítica esteve atrelada à possibilidade de encontrar uma saída no campo do marxismo que evitasse a ortodoxia do socialismo soviético e uma provável resignação de uma postura social-democrata que flertava cada vez mais com o liberalismo. Essa tomada de posição alternativa abriu a possibilidade de questionar os paradigmas revolucionário e reformista que marcaram teórica e praticamente o imaginário do projeto de esquerda quase em sua totalidade. (MELO, 2017, p. 24).

Conforme explicita Melo (2017), havia divergências entre comunistas e reformistas social-democratas, que buscavam ferramentas diferentes para solucionar o problema social e econômico das desigualdades, sobretudo no que diz respeito ao papel do mercado e do intervencionismo do Estado.

Os comunistas acusavam os social-democratas de abandono dos ideais contra um capitalismo opressor, ao passo em que não aceitavam o próprio caráter opressor dos regimes que abandonaram o capitalismo e a democracia. E os frankfurtianos perceberam que a ala ortodoxa marxista em sua abordagem política e econômica não traria a verdadeira emancipação, mas preservava a subordinação (MELO, 2017).

A proposta da Teoria da Razão Comunicativa

Jürgen Habermas, filósofo e sociólogo ainda vivo, é reconhecido como um dos fundadores do movimento Frankfurtiano. Ele observa a modernidade e propõe direcionamentos, absorvendo da herança da teoria crítica marxista e incorporando outras teorias (PINTO, 1995), de forma a questionar a postura iluminista que, segundo sua interpretação, contrapõe os dogmas e os mitos à racionalização.

Habermas chama a contribuição dos frankfurtianos de um projeto inacabado, dadas as transformações ainda ativas no capital e na própria teoria. Para ele, os pensadores críticos perderam isso de vista, pondo em risco a aplicabilidade do marxismo diante do avanço da modernidade. Estes estariam ainda a utilizar um conceito de razão que restringe a leitura do sistema e do mundo, não acompanhando a modernização do capitalismo (PINTO, 1995).

Assim, Habermas busca as bases filosóficas para a questão da razão, sendo ela a principal fonte humana de apreensão do mundo, mas através de “pretensões



de validade que estão assentadas no reconhecimento intersubjetivo” (HABERMAS, 2000, p. 437 apud MUL, 2011, p. 1037).

Entretanto, Habermas chama mais à reflexão sobre as comunidades e as interações como o ambiente fértil da racionalidade, o que ele chama de “mundo vivido” e “sistema” e suas sub-divisões. Uma destas, dentro do mundo vivido, trata sobre cultura e as “suas esferas de valores”, que seria onde ocorre a razão e a ação comunicativas. Com isso, Habermas se esforça em conciliar a perspectiva subjetiva a objetiva da realidade:

O mundo vivido constitui o espaço social em que a ação comunicativa permite a realização da razão comunicativa, calcada no diálogo e na força do melhor argumento em contextos interativos, livres de coação. O segundo conceito, o de sistema, adota a perspectiva do observador, externo à sociedade. Trata-se de um conceito que não se opõe ao de “mundo vivido”, mas o complementa. Com auxílio desse conceito é possível descrever aquelas estruturas societárias que asseguram a reprodução material e institucional da sociedade: a economia e o Estado. Trata-se, neste caso, de dois subsistemas da sociedade que desenvolveram. (FREITAG, 1995, p. 141).

Como começa a se delinear, a Teoria da Razão Comunicativa ou Emancipatória se apresenta dentro de uma Teoria da modernidade. Em Habermas, este conceito faz referência ao caráter intersubjetivo, não só subjetivo, que a razão tem ao se externalizar. Aqui, o autor aponta a linguagem como um paradigma (FILHO, 2017, p. 181): “na estrutura da linguagem cotidiana, está embutida uma exigência de racionalidade pois, com a primeira frase proferida, o homem já manifestava uma pretensão de ser compreendido”. Conforme Aragão (1992, p. 92 apud PINTO, 1995, p. 70), a ação comunicativa expressa através da linguagem, também, os símbolos e os princípios do comunicador. É através dela que se constroem processos argumentativos, onde justiça e verdade devem ser balizadores entre indivíduos diversos. Eles envolveriam concorrentes de pensamento que cooperariam à produção do conhecimento do mundo.

Estariam aptos a participarem do diálogo aqueles com contribuições relevantes, em oportunidades igualitárias de discurso. E os que discursam, por sua vez, deveriam ter firmeza sobre as suas colocações, certa postura de humildade quanto ao que participa das discussões, sem sofrer coações acerca do que defendem. Habermas indica a necessidade de uma linguagem comum, e um horizonte interpretativo comum, livre de apropriações etnocêntricas. A Teoria da



Razão Comunicativa desemboca em uma proposta de pacificação, sem negação das diferenças, através de uma “concordância normativa” (FILHO, 2017, p. 183).

Essa norma de inclusão completa de todos os cidadãos tem de ser reconhecida universalmente antes que possamos exigir de nós tolerância recíproca. Somente esse critério, aceito em comum, da não discriminação fornece para o tratamento tolerante dos cidadãos entre si as razões epistêmicas de uma recusa das convicções e das atitudes meramente toleradas do outro. Com base nessa concordância normativa, as contradições entre as imagens de mundo concorrentes que perduram na dimensão cognitiva podem ser neutralizadas na dimensão social da igualdade dos cidadãos (HABERMAS, 2003, p.1 apud FILHO, 2017, p. 183).

Para que a proposta de Habermas seja exequível, o Estado democrático constitucional é uma condição necessária. Pois nele há a possibilidade de existirem regras que sejam razoáveis e amplamente aceitas acerca da tolerância e da liberdade permeando a convivência entre os atores na esfera pública. Desta forma, adentra-se ao aspecto político que é traço importante à teoria do autor. A política garante o fundamento legitimador ao pluralismo das visões de mundo. Para Habermas, as manifestações religiosas estariam contempladas aí.

Teoria da Razão Comunicativa e Geopolítica

A teoria habermasiana da Razão Comunicativa, então, serve não apenas à Política mas à Geografia e, em particular, à Geopolítica. A tradição deste ramo tem considerado as disputas territoriais em busca de hegemonia e poder, considerando o Estado e a Economia as principais variáveis a serem analisadas nos conflitos, e esta parecia ao menos ser a realidade até meados do século XX (MEDEIROS, 2017).

Como reflexo de uma sociedade moderna, os conflitos geopolíticos são cada vez mais complexos e abrangentes, necessitando de ferramentas interdisciplinares para serem debatidos. A leitura de Habermas em sua Teoria da modernidade, acerca da compreensão dos conflitos geopolíticos, representa um esforço no âmbito dos teóricos críticos de produção de abordagens mais flexíveis acerca do capitalismo. Esses esforço teórico acompanha as transformações no mundo à medida que propõe categorias permeáveis à subjetividade/intersubjetividade das culturas, caso da aplicação de Habermas da ideia de mundo vivido. É visto que a globalização não resultou definitivamente no desmanche de identidades culturais dos povos, podendo acontecer o efeito inverso, de afirmação das raízes locais.



O ocidente cristão e o oriente islâmico: conflito geopolítico e cultural

Atualmente, há uma mudança nos papéis desempenhados pelas grandes potências. Anteriormente, a corrida era pela conquista de novas áreas e construção de impérios, mais tarde, a corrida econômica toma o sentido. Contudo, agora dinâmicas diferentes do capital e da sua forma de circulação alteram a natureza dos conflitos pelo poder. O sistema-mundo formado por economias independentes é para onde a formatação caminha (MEDEIROS, 2017), onde as grandes potências vêm a correlação de forças alterada. Nesse sentido, os Estados Unidos continuam sendo uma das nações de destaque no contexto mundial, mas sua hegemonia não ocorre mais de forma inabalável, ocorrendo ações que ameaçam a sua primazia.

As civilizações fazem os seus movimentos em busca de autonomia, como na relação entre Oriente Médio e Ocidente, especialmente contra os Estados Unidos e suas interferências na região. A cultura passa a ser um vetor relevante nesta dinâmica geopolítica e econômica. Como aponta Brigola (2010), à luz da obra huntingtoniana “Choque de civilizações”, a etnia e a religião são as principais interseções culturais entre os processos políticos e econômicos que formam os fenômenos geopolíticos no mundo.

Nessa visão, os conflitos entre países e governos do mundo islâmico e do mundo ocidental seriam produto de suas tendências de arrogância e intolerância, respectivamente. Nessa cruzada contra o Ocidente, os países asiáticos podem se unir aos países islâmicos por possuírem oponentes em comum “da mesma maneira como os aliados e Stálin o fizeram contra Hitler” (HUNTINGTON, 1997, p. 227 apud BRIGOLA, 2010, p. 7). Para Habermas, a razão comunicativa pode representar o instrumento de diálogo capaz de conter e mesmo evitar esses conflitos. Mesmo na relação histórica conturbada entre Ocidente e Islã, não é que a comunicação seja inexistente. Na verdade, o cristianismo que atualmente o ocidente representa, divide o mesmo berço com o Islã. Trata-se então de conflitos parciais e locais, inicialmente (SANTOS, 2011, p. 11-12), e que por falta de comunicação podem tomar proporções mundiais.

É notório o lugar de relevância que a cultura assume nos conflitos geopolíticos entre Oriente e Ocidente, especialmente pelo aspecto da religião. Os povos islâmicos têm a imagem de um mundo ocidental ainda cristão, ainda que os países ocidentais caminhem cada vez mais rapidamente em direção ao anti-



cristianismo. E o contrário também é verdadeiro, ainda que num ritmo menos acelerado.

Outro elemento constantemente lembrado é, segundo Schirmacher (2017), o aumento populacional de islâmicos presentes em países do Ocidente, devido às migrações e, em menor monta, às conversões religiosas. Assim, dos dois lados do mundo, as imaginações são confrontadas com as experiências reais das conversações entre as culturas.

Entretanto, um fato veio a endossar a leitura dos que apostam no recrudescimento dos conflitos geopolíticos em bases culturais. Os eventos do 11 de setembro de 2001, quando houve ataques terroristas contra o território estadunidense, que resultaram na destruição das torres gêmeas em Nova Iorque, provaram não apenas a força do islamismo radical, senão a retomada das alegações culturais do governo americano para justificar a retaliação contra os países que teriam proporcionado abrigo aos terroristas.

Desde então, o Estado americano acentuou suas estratégias de defesa da soberania e de ataque contra os países que abrigam movimentos terroristas islâmicos que representam ameaças.

Habermas também fez considerações sobre este momento histórico ao ser questionado sobre a validade do seu pensamento frente ao caos estabelecido a partir do 11 de Setembro. Em sua obra ele coloca a violência e o terrorismo como o extremo resultado de uma má comunicação (SANTOS, 2011). A única força capaz de deter a escalada desses conflitos seria, para ele, a ação comunicativa, que é quando ocorre a “ação estratégica” que antecede o uso da força

Para Habermas, aquele era um atentado para atingir “os fundamentos universalistas e a pluralidade do moderno” (UOL, 2001). Em outro momento, ele se refere às ações de George Bush em território iraquiano como “agressivas e ilegais” (HABERMAS, 2008, p. 1), evidenciando seu posicionamento filiado à teoria crítica dos frankfurtianos. Pois,

A carreira de Habermas caracterizou-se por uma militância contra o conservadorismo da direita cultural e o de uma esquerda acadêmica que, após 1968, abraçaria o terrorismo com o RAF (Fração do Exército Vermelho). O RAF era aliado do terrorismo palestino e possuía um impulso suicida que chocou os alemães em 1977 com o ritual de morte coletiva de seus líderes na prisão de Stammheim (Stuttgart), após sequestro de Boeing na Somália. (UOL, 10 de outubro de 2001, acesso em 3 de abril de 2023).



A grande questão que é o pano de fundo do presente texto, é qual o objetivo do esforço percebido dos teóricos críticos para uma comunicação positiva com os países de cultura islâmica em uma postura de tolerância religiosa. Nesse sentido, elencamos algumas situações no cenário internacional que colocam lado a lado governos de esquerda e governos islâmicos em votações contra interesses advindos do mundo ocidental.

Comumente esses grupos representativos tomam decisões que vão contra os interesses de países que identificam como ocidentais cristãos e capitalistas. A exemplo disso, a votação na ONU, em 2007, quando 128 países se colocaram contra a decisão israelense acerca de Jerusalém como sua capital (UOL Notícias, 2017). E mais recentemente, acerca da invasão da Ucrânia pela Rússia, na assembleia geral da ONU novamente os países que apoiaram os russos contra os interesses ocidentais são governados por regimes de esquerda ou de influência islâmica (CNN, 2022).

Conforme apresenta Hourani (2006), esta aproximação entre islâmicos e esquerda do espectro político e ideológico encontra razões nos contextos históricos e geográficos dos períodos coloniais e imperialistas, quando as terras islâmicas foram ocupadas pelos europeus. Naquele momento, surgiram grupos que receberam influências e aderiram ao modo de vida europeu, e outros que se opuseram em resistência à conformação das suas identidades locais.

Na verdade, até hoje há grupos na cultura islâmica que recebem influências ocidentais. Eles não têm interesse em pureza religiosa (BURUMA 2006), não são conservadores quanto à teologia islâmica, mas atendem aos clamores indicados pelos pensadores revolucionários ocidentais (SCHIRRMACHER, 2017). Desta forma, apresenta-se um enredo útil às discussões sociais, filosóficas e políticas reverberadas pelos teóricos críticos ocidentais, que compartilham das mesmas tendências anti-cristãs dos islamitas. Desde os ideais do Iluminismo e da Revolução Francesa que o cristianismo tem sofrido críticas desde dentro do Ocidente, pois tem-se que se trata de uma religião conservadora e reacionária, conforme Lewis (2004). No escopo dessa visão comum mais geral de crítica ao cristianismo e ao Ocidente capitalista, tem-se que questões mais problemáticas como a falta de liberdade individual nos países islâmicos - tidos como intrinsecamente coletivistas – podem mesmo ser relegadas a um segundo plano.



Considerações finais

A revisão bibliográfica apresentada foi além da introdução ao pensamento do filósofo alemão Habermas, sobretudo no que diz respeito a sua teoria sobre a modernidade e sobre a ação e razão comunicativas. Ele abre caminhos e coloca em questionamento *o modus operandi* do movimento frankfurtiano e os seus ideais.

A aplicação do método da razão comunicativa pode pretender esvaziar algumas tensões e conflitos geopolíticos, mas apenas quando envolve alianças contra os interesses ocidentais. Esta teoria também não foi testada quando o questionamento é contra a própria razão instrumental de governos de esquerda ou mesmo situações domésticas em países ocidentais quando é a esquerda que se nega ao diálogo.

Contudo, a teoria da razão comunicativa chama a atenção para a necessidade de uma postura de diálogo em contextos de atores que preferam usar o argumento racional em detrimento do uso da força. Além de que percebe a cultura histórica como fator essencial para a compreensão do cenário geopolítico mundial ao compor as identidades e territorialidades que fomentam o pertencimento.

Referências

- BRIGOLA, Higor Ferreira; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. **A tese do choque de civilizações e o interesse nacional brasileiro**. Revista de Geopolítica, v. 1, n. 1, p. 5-16, 2010.
- BURUMA, Ian; MARGALIT, Avishai. **Ocidentalismo: o Ocidente aos olhos de seus inimigos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2006.
- CNN. **Saiba quais países votaram contra e quais se abstiveram da resolução da ONU**. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/saiba-quais-paises-votaram-contra-e-quais-se-abstiveram-da-resolucao-da-onu/>. Acesso em: 2 abr. 2023.
- GÓIS FILHO, Benjamim Julião de. **Religião e secularização na ótica de Habermas**. In: GÓIS, Benjamim. Razão e transcendência. Natal: UERN, 2017. p. 179-202.
- HABERMAS, Jürgen; MENDIETA, Eduardo. **A América e o mundo - uma conversa com Jürgen Habermas**. Perspectivas: Revista de Ciências Sociais, v. 33, 2008.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2006.



LEWIS, Bernard. **A crise do Islã**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

MEDEIROS, Gabriel Saldanha Lula. VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2013. GEOgraphia, v. 19, n. 39, p. 107-109, 2017.

PINTO, José Marcelino de Rezende. **A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar**. Paidéia (Ribeirão Preto), p. 77-96, 1995.

SANTOS, José. **Habermas: um filósofo frente ao terror**. ISES, 2010.

SHIRRMACHER, Christine. **Entenda o Islã**. Rio de Janeiro: Vida Nova, 2017.

UOL. **Habermas comenta atentados em discurso**. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1010200107.htm>. Acesso em: 03 de abril de 2023.

Recebido em 04.04.2023.
Publicado em 12.04.2023.

